



O médico Octávio Torres, que faria 100 anos, foi homenageado ontem, na colônia

Colônia de Águas Claras ainda pode ser fechada

Fundado pelo governador Rodrigo de Menezes e tendo seus trabalhos intensificados pelo médico Octávio Torres, o Hospital Colônia Rodrigo de Menezes, que atende os hansenianos da Bahia, tende a ser desativado, tendo em vista que o tratamento do Mal de Hansen hoje é feito a nível ambulatorial e o referido hospital está fora do contexto, faltando apenas ser definida uma nova política de atendimento a esses pacientes. Por isso, o diretor administrativo, Antônio Miranda, considera que o problema no hospital é mais social do que médico.

Ontem, o médico Octávio Torres, que faria 100 anos de idade, foi homenageado pela Sociedade Eunice Weaver, que mandou celebrar missa na Igreja da Vitória, tendo por pregador o padre Gaspar Sadoc e em seguida, um grupo visitou o Hospital Colônia, mais conhecido por Colônia de Águas Claras. Ali, foram depositadas flores no busto de Octávio Torres e a cerimônia foi assistida pelo vice-diretor do hospital, Ênio Barretto, integrante da Sociedade Eunice Weaver, pacientes e um grupo estrangeiro de técnicos em doenças ocupacionais, que no momento fazia uma visita, conhecendo as instalações.

PIONEIRISMO

Poucas pessoas compareceram à missa, mas a visita à Colônia foi realizada, sendo que as dificuldades são vistas logo pelo acesso que está necessitando de reparos, assim como boa parte das instalações dos pavilhões que espera a definição da política a ser adotada. Presidente da Sociedade Eunice Weaver, D. Elza Tor-

res esteve acompanhada por Marcelino Garrido, único sócio vivo da Sociedade Baiana Contra a Lepra e que discursou emocionado lembrando o trabalho do amigo Octávio Torres, cujo centenário estava sendo comemorado.

Lembra Marcelino, que a colônia foi fundada em 1789 no bairro de Quintas, pelo governador Rodrigo de Menezes, que usou as esmolas da população para atender aos leprosos, numa iniciativa pioneira na América do Sul. As dificuldades eram muitas e ele disse que os doentes trabalhavam no cultivo da terra e supriam o bairro de Quintas de verduras e frutas, que vendiam para poder comprar comida para suas refeições.

Em 1949, quando a cidade cresceu para o lado de Quintas, praticamente foi exigido que a colônia de lá saísse e Octávio Torres criou a Colônia de Águas Claras, que hoje já está sendo imprensada por empreendimentos imobiliários. Inclusive, segundo lembra Antônio Miranda, 80% da área pertencente à colônia foram desapropriados pelo governo, por estarem improdutivos e deram lugar a construções da Urbis no Projeto Cajazeira, restando 354 mil metros quadrados. A área da colônia, portanto, está restrita ao hospital.

BAIXA RENDA

O hospital está desatualizado, segundo admite o próprio vice-diretor, que vem sendo contestado por grupos que defendem a continuidade da colônia. Mas os progressos da Medicina, deixam ver que a doença já pode ser controlada a nível ambulatorial e isso mostra que o hospital segue num

rumo de mudança no seu estilo, restando ser definida uma nova política para atender aos pacientes que ali estão internados.

Um grande problema é que quase 100% dos 90 internos pertencem a camadas de baixa renda e seis casais moram em casas que pertencem à colônia, ao lado das enfermarias masculina e feminina. Saindo do local, fica difícil saber como essas pessoas irão viver, uma vez que nem todas recebem pensões previdenciárias. Na colônia, mantida pelo ISEB, nenhuma taxa é cobrada dos pacientes.

Para quem visita o local, dá para ver que os pacientes lá internados estão sem condições de trabalhar na terra. O prédio matriz, construído em 1949, está desativado e faz falta ao funcionamento, uma vez que ali funcionava uma biblioteca, um cinema, a "prefeitura" (cujo cargo era disputado em ferrenhas campanhas políticas) e uma sala de lazer completa. Hoje, o lazer dos pacientes fica reduzido a um jogo de damas e à televisão. Nas horas vagas, eles ajudam nos trabalhos de limpeza e da copa, o que ajuda a passar o tempo e "dá uma força" aos servidores do hospital.

Os portadores do Mal de Hansen, ainda sofrem da discriminação e até em unidades médicas são rejeitados, segundo Antônio Miranda, que mesmo sem ser médico, tem 36 anos de serviço entre os leprosos e diz que com quatro meses de tratamento efetivo, o paciente não contamina mais. Para Marcelino Garrido, o Mal de Hansen não é o que se pensa e a população deveria se inteirar mais sobre a doença para que muitos preconceitos caíssem por terra.